

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

3

3ª Edição

Indicadores-chave:

decisões do Banco Central, efeitos da guerra,
turismo em alta e cenário internacional

30 DE ABRIL DE 2026



Essa **Resenha Econômica** contém uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros).

O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado sobre os principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 24-abr-26 - publicado em 27-abr-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	4,80%	4,86%	0,06%	↑
2027	3,99%	4,00%	0,01%	↑
2028	3,60%	3,61%	0,01%	↑
2029	3,50%	3,50%	0,00%	==

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,86%	1,85%	-0,01%	↓
2027	1,80%	1,80%	0,00%	==
2028	2,00%	2,00%	0,00%	==
2029	2,00%	2,00%	0,00%	==

SELIC no final do ano

2026	13,00%	13,00%	0,00%	==
2027	11,00%	11,00%	0,00%	==
2028	10,00%	10,00%	0,00%	==
2029	9,88%	9,75%	-0,13%	↓

BANCO CENTRAL DO BRASIL

Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

DATAS DAS REUNIÕES BANCO CENTRAL EM 2026



BANCO CENTRAL BRASIL

COPOM

1	276^a	27 e 28 de janeiro
2	277^a	17 e 18 de março
3	278^a	28 e 29 de abril
4	279^a	16 e 17 de junho
5	280^a	4 e 5 de agosto
6	281^a	15 e 16 de setembro
7	282^a	3 e 4 de novembro
8	283^a	8 e 9 de dezembro

BANCO CENTRAL EUA

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

TAXA SELIC 14,5% a.a.



Jornal FOLHA 30-abr BC corta Selic em 0,25 ponto, para 14,5%, e vê inflação se afastar da meta

Copom mantém ritmo de redução de juros conforme esperado pelo mercado e evita se comprometer com próximos passos diante de incerteza com Oriente Médio

Nathalia García

BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) manteve o ritmo gradual de redução de juros e repetiu o corte de 0,25 ponto percentual na taxa básica (Selic), de 14,75% para 14,5% ao ano. O colegiado do Banco Central optou por um ajuste conservador depois de ver as projeções para inflação mais distantes da meta de 3%.

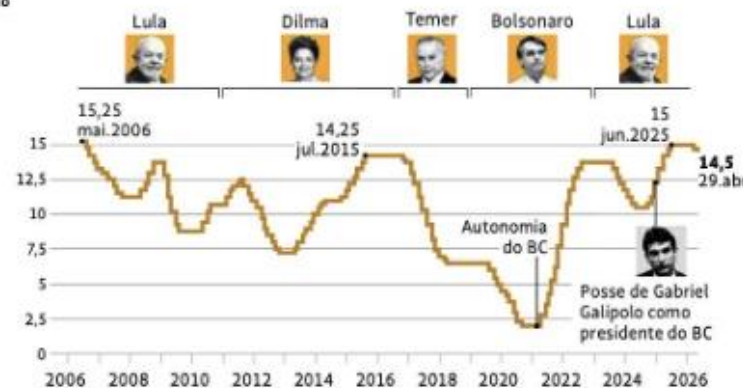
A decisão foi tomada por unanimidade pelo presidente do comitê, Gabriel Galípolo, e mais cinco diretores, com três desfalques na reunião desta quarta-feira (29).

No comunicado, o Copom reforçou a necessidade de cautela e não sinalizou abertamente o rumo de seus próximos movimentos, evitando se comprometer antecipadamente com os ajustes futuros.

No encontro anterior, em março, quando iniciou a flexibilização dos juros, o comitê já tinha deixado seus passos seguintes em aberto diante do aumento da incerteza ante a guerra no Irã. A intenção era ter mais clareza sobre a profundidade e a extensão do conflito geopolítico.

Evolução da taxa básica de juros

Em % ao ano



Inflação

IPCA acumulado em 12 meses, em %



Quando a expectativa é de inflação em queda, com perspectiva de encerrar o ano **dentro da meta**, o BC pode reduzir os juros, o que ajuda também a estimular a economia

Quando existe expectativa de que a inflação fique **acima da meta**, o Copom (Comitê de Política Monetária) pode subir os juros com o objetivo de reduzir o estímulo à atividade econômica, o que diminui o consumo e equilibra os preços

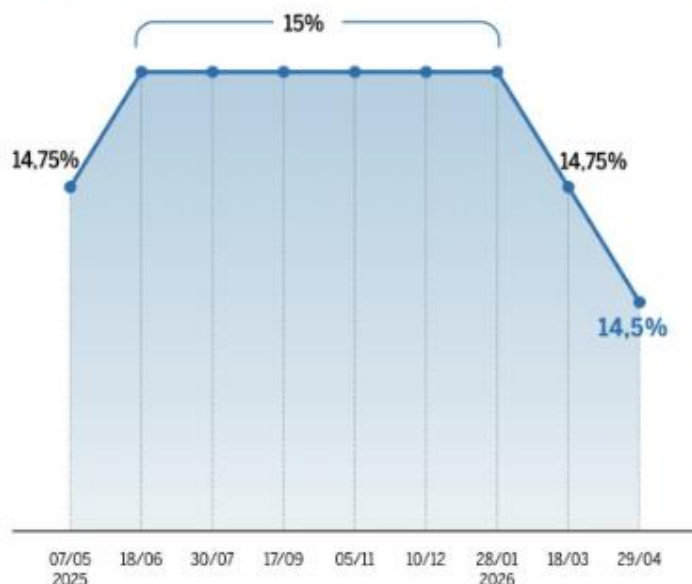
Fontes: Banco Central, Bloomberg e IBGE

TAXA SELIC 14,5% a.a.



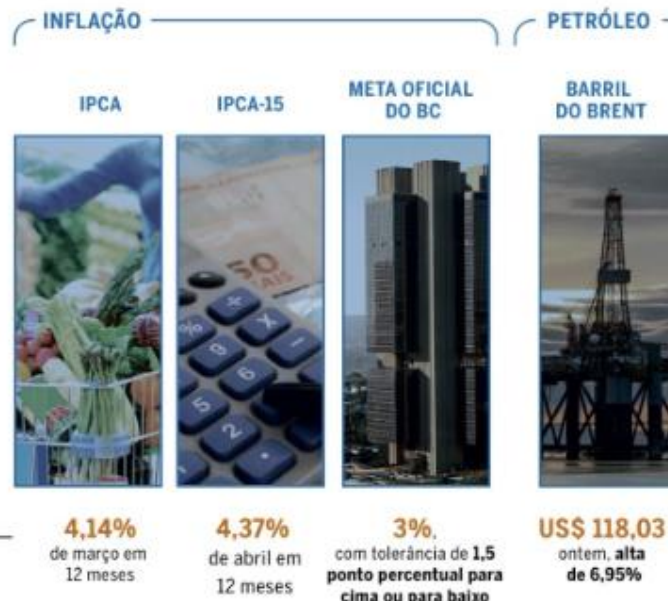
Trajetória dos juros

SELIC



Jornal GLOVO 30-abr

O QUE INFLUENCIA NA DECISÃO



FONTES: BC, IGE E BLOOMBERG

THAÍS BARCELLOS

thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br

BRASÍLIA, SÃO PAULO E RIO

A pesar da incerteza em relação aos impactos da guerra no Oriente Médio na economia, o Banco Central (BC) reduziu ontem a Taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,75% para 14,50% ao ano. A decisão unânime do Comitê de Política Monetária (Copom) repete o movimento realizado em março, quando foi iniciado o ciclo de “calibração” dos juros. Ainda assim, a Selic permanece no maior patamar desde outubro de 2006, em um esforço do BC para alcançar a meta de 3% para a inflação.

CORTE CAUTELOSO

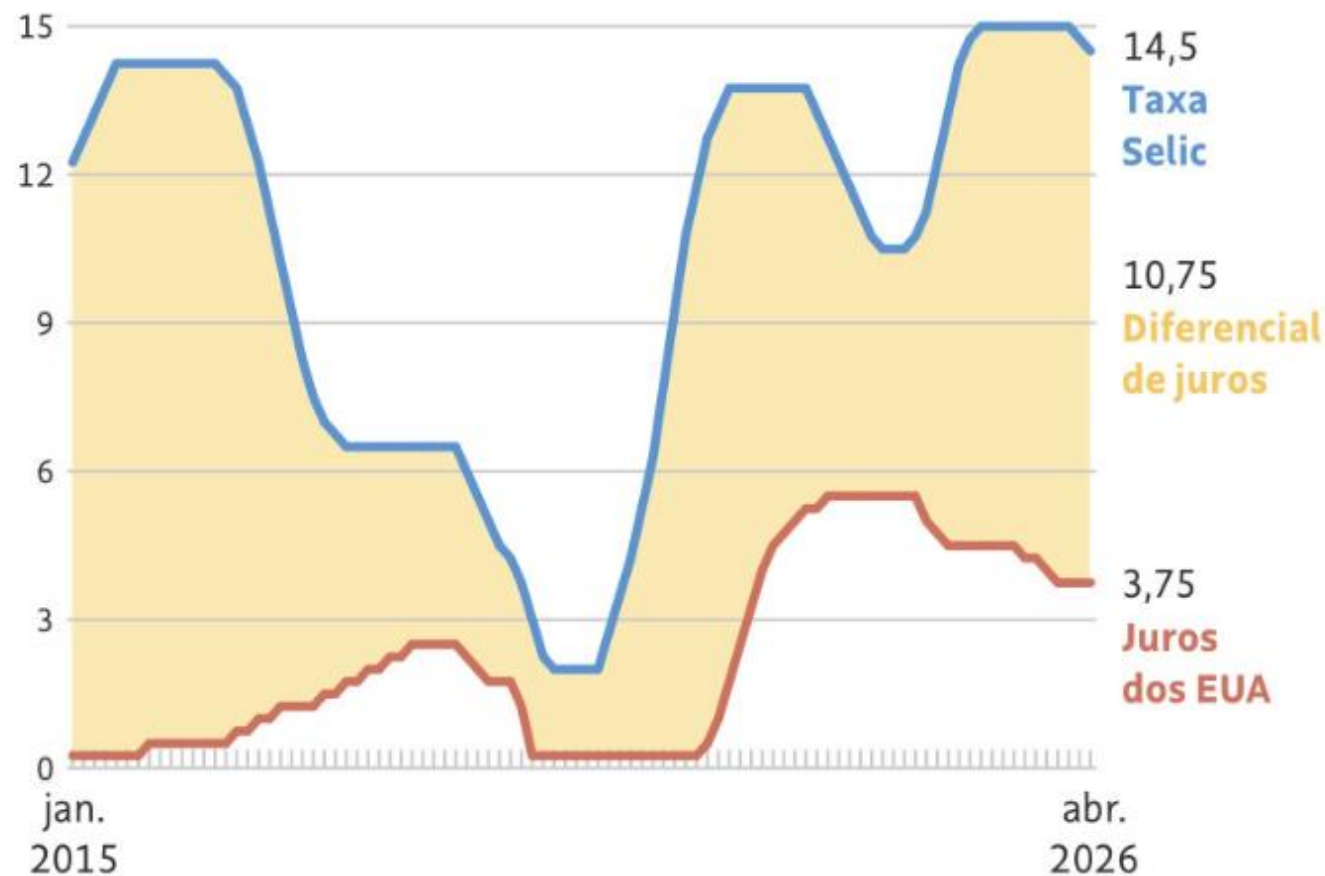
BC reduz Selic a 14,5%, cita conflito e inflação e não aponta próximos passos

TAXA DE JUROS NOS EUA



Diferença entre os juros de Brasil e EUA

Em pontos percentuais



Fonte: Banco Central do Brasil e Federal Reserve

Na despedida de Powell e dividido, Fed mantém juros e alerta para efeitos da guerra

Banco central dos EUA tem maior divergência em decisão desde outubro de 1992; taxas ficam inalteradas, entre 3,5% e 3,75% ao ano

SÃO PAULO O Fed (Federal Reserve, o BC dos EUA) anunciou nesta quarta (29) a manutenção da taxa de juros entre 3,5% e 3,75% na última reunião de Jerome Powell como presidente do órgão.

O mandato dele termina em 15 de maio e o presidente dos EUA, Donald Trump, indicou Kevin Warsh como seu substituto. O nome ainda precisa ser aprovado pelo Senado.

É a terceira reunião seguida em que os juros são mantidos, apesar da pressão feita por Trump para a redução da taxa. O Fed manteve a taxa devido à preocupação com os efeitos da guerra no Irã, que gerou aumento generalizado de preços em todo o mundo.

Em comunicado, o Fomc (Comitê Federal de Mercado Aberto) disse que “os desdobramentos no Oriente Médio estão contribuindo para um alto nível de incerteza sobre as perspectivas econômicas”.

COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE AS TAXAS DE JUROS - BRASIL E EUA



Cenário resumido

- **Brasil:** Taxa Selic em **14,5% a.a.**
- **EUA:** juros do Federal Reserve entre **3,5% e 3,76% a.a.**

👉 Diferença (spread): **~11 pontos percentuais**
Isso é **muito alto** em termos globais.

🧠 Leitura econômica simples

1) 💰 Entrada de capital estrangeiro (carry|trade)

Com juros muito mais altos no Brasil:

- Investidores pegam dinheiro barato nos EUA
- Aplicam em títulos brasileiros

✚ Impacto:

- **Fortalece o real**
- Aumenta entrada de dólares no país

COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE AS TAXAS DE JUROS - BRASIL E EUA



2) 🚫 Freio na economia brasileira

Selic a 14,5% significa:

- Crédito caro (empresas e pessoas)
- Menos investimento produtivo
- Consumo desacelera

📌 Impacto:

- **PIB cresce menos**
- Setores como construção civil sofrem mais (importante para você)

3) 🏦 Ganho do setor financeiro

- Bancos lucram com spreads altos
- Títulos públicos ficam muito atrativos

📌 Impacto:

- Capital migra para renda fixa
- Bolsa e economia real perdem força

COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE AS TAXAS DE JUROS - BRASIL E EUA



4) BR Controle da inflação (objetivo principal)

O Banco Central do Brasil mantém juros altos para:

- Reduzir consumo
- Segurar inflação

✦ Impacto:

- **Inflação tende a cair**
- Mas ao custo de crescimento baixo

5) ⚠ Dependência de capital externo

Esse cenário funciona enquanto:

- EUA mantêm juros baixos

Se o Federal Reserve subir juros:

- Capital sai do Brasil
- Dólar sobe rapidamente

✦ Risco:


- **Volatilidade cambial forte**
- Pressão inflacionária

Conclusão estratégica (visão de mercado)

Juros altos no Brasil = **remédio forte**

- Bom para inflação e atração de capital
- Ruim para crescimento e investimento

Diferença grande vs EUA:

- **Ajuda no curto prazo (entrada de dinheiro)**
- **Fragiliza no médio prazo (dependência externa)** 

Dependência Externa

🧠 O que significa “dependência externa” na prática?

Quando o Brasil mantém a Taxa Selic muito acima dos juros do Federal Reserve, ele passa a **atrair capital estrangeiro de curto prazo**.

Esse dinheiro:

- Não vem para construir fábricas
- Não vem para projetos de longo prazo
- 👉 Vem para **ganhar com juros (renda fixa)**

Isso cria uma dependência silenciosa.

⚠️ Onde está a fragilidade?

1) Capital “volátil” (entra fácil, sai mais fácil ainda)

Esse dinheiro externo:

- Não tem compromisso com o Brasil
- Reage rápido a qualquer mudança global

✳️ Exemplo:

Se o Federal Reserve subir juros de 3,5% para 5%:

- O prêmio do Brasil diminui
- Investidores tiram dinheiro daqui e voltam para os EUA

👉 Resultado:

- Dólar sobe rapidamente
- Bolsa cai
- Juros futuros disparam



IPCA-15 acelera com alta de combustíveis e alimentos, mas fica abaixo das projeções

Sob impacto da guerra no Irã, índice avança 0,89% em abril, maior variação para o mês desde 2022; mercado esperava 0,99%

Leonardo Viceli

RIO DE JANEIRO A inflação medida pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15) acelerou a 0,89% em abril, após marcar 0,44% em março, apontam dados divulgados nesta terça (28) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O índice foi pressionado pela alta dos combustíveis com a guerra no Irã, que aumentou as cotações do petróleo, e pelo avanço do custo dos alimentos. A variação de 0,89% é a maior para meses de abril desde 2022 (1,73%).

O resultado, porém, ficou abaixo da mediana das projeções do mercado financeiro, de 0,99%, conforme pesquisa da agência Bloomberg. O intervalo das estimativas ia de 0,7% a 1,11%.

No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 foi a 4,37% até abril. A taxa era de 3,9% até março.

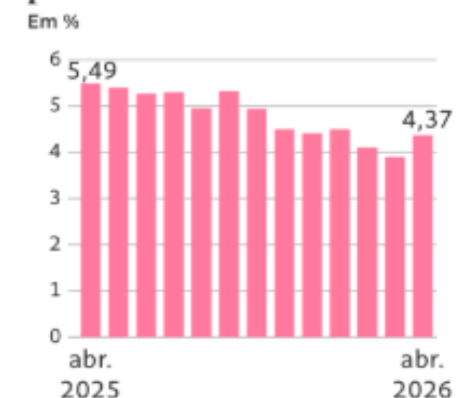
Por ser divulgado antes, o IPCA-15 sinaliza uma tendência para o IPCA, o índice oficial de preços do Brasil. O IPCA serve de referência para a meta de inflação perseguida de maneira contínua pelo BC (Banco Central).

O centro da meta é de 3% no acumulado de 12 meses, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Variação mensal do IPCA-15



Variação acumulada pelo IPCA-15 em 12 meses



Fonte: IBGE

Jornal FOLHA 29-abr

IPCA-15 ABRIL-26

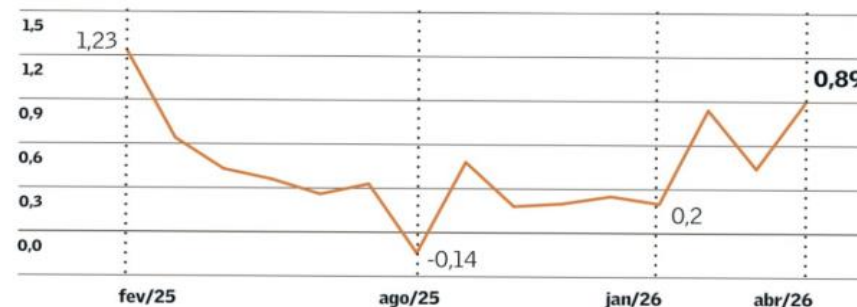


Conjuntura Prévia da inflação de abril subiu 0,89%, com industriais indicando contágio da guerra

IPCA-15 sobe aquém do previsto, mas preocupa

IPCA-15 tem maior alta em 14 meses

Variação do indicador mais que dobrou entre março e abril - %



Alimentação e Transportes comandam alta do IPCA-15

As duas classes de despesa responderam por 65% da taxa de abril

Classes de despesa	Variação de preços em março em %	Variação de preços em abril em %
Alimentação e Bebidas	0,88	1,46
Habitação	0,24	0,42
Artigos de Residência	0,37	0,48
Vestuário	0,47	0,76
Transportes	0,21	1,34
Saúde e Cuidados Pessoais	0,36	0,93
Despesas Pessoais	0,82	0,32
Educação	0,05	0,05
Comunicação	0,03	0,48
IPCA-15	0,44	0,89

Fonte: IBGE

Jornal VALOR 29-abr

**Anaís Fernandes e
Alessandra Saraiva**
De São Paulo e Rio

A surpresa baixista com a prévia da inflação de abril não afastou a avaliação, entre economistas, de que a composição de preços está qualitativamente pior, inclusive pelo espalhamento dos efeitos da guerra no Oriente Médio agora também para bens industriais, além de combustíveis e alimentos.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) subiu 0,89% em abril, após alta de 0,44% em março, informou ontem o IBGE. O resultado ficou bem abaixo da mediana de 0,97% colhida pelo Valor Data no mercado, mas foi a maior taxa para abril desde 2022, quando subiu 1,73%.

No acumulado em 12 meses, o IPCA-15 acelerou para 4,37% em abril, de 3,9% até março, aproximando-se do teto de tolerância de 4,5% para a meta de 3%.

Das nove classes de despesas analisadas, apenas uma desacelerou na passagem de março para abril: despesas pessoais (de 0,82% para 0,32%), enquanto educação manteve a variação de 0,05%.

Todas as demais sete classes aceleraram: alimentação e bebidas (de 0,88% para 1,46%), habitação (de 0,24% para 0,42%), artigos de residência (de 0,37% para 0,48%), vestuário (de 0,47% para 0,76%), transportes (de 0,21% para 1,34%), saúde e cuidados pessoais (de 0,36% para 0,93%) e comunicação (de 0,03% para 0,48%).

EMIRADOS ÁRABES SAEM DA OPEP



COALIZÃO

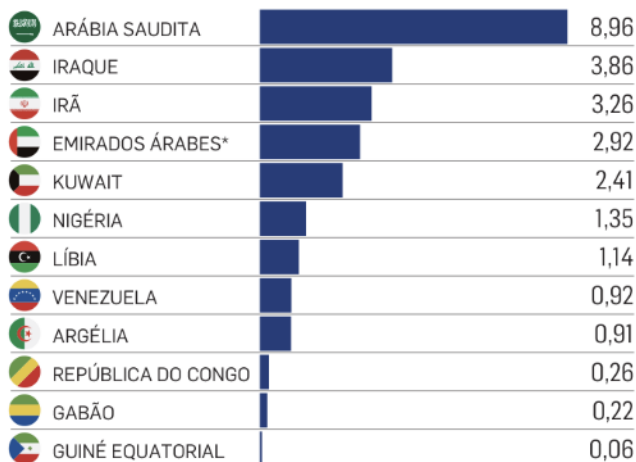
Jornal ESTADÃO 29-abr

A Opep é composta por 12 nações que controlam 40% da produção mundial de petróleo bruto e detêm 80% das reservas comprovadas do planeta. Em 2016, formou uma aliança com outros países produtores para criar a Opep+

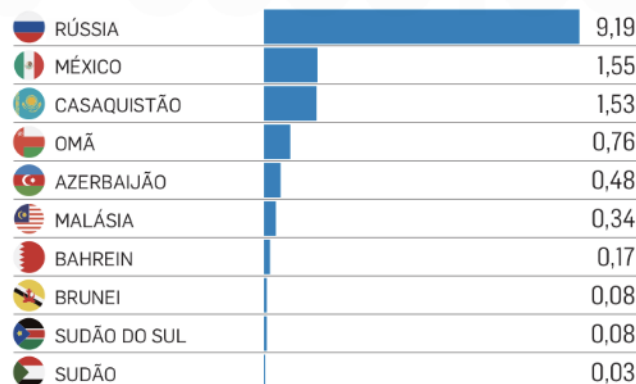
Produção diária de barris

EM MILHÕES

OPEP (12 MEMBROS)



OPEP+ (10 MEMBROS)



*DEIXA ORGANIZAÇÃO NO DIA 1º DE MAIO

FONTE: BOLETIM ANUAL OPEP / INFOGRÁFICO: ESTADÃO

Futuro da energia

Emirados Árabes se retiram da Opep e enfraquecem cartel do petróleo

País reclama há muito tempo de cotas impostas pela organização, que limitam suas exportações; por trás da decisão está a divergência cada vez maior com Arábia Saudita

Os Emirados Árabes desferiram ontem um golpe nos maiores produtores de petróleo do mundo ao anunciar sua saída da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), cartel que há décadas controla os preços globais e o fornecimento de combustível.

A Opep, uma confraria de pouco mais de dez países, influencia os preços estabelecendo cotas de produção. No entanto, o poder da organização diminuiu nos últimos anos em razão do aumento da extração em países não membros, principalmente nos EUA.

Petróleo dispara 6,9% e volta a se aproximar de US\$ 120

Dólar sobe, e Ibovespa cai 2,05% em dia de maior aversão ao risco

ROBERTO MALFACINI JR.
roberto.junior@oglobo.com.br

O preço do petróleo voltou a disparar ontem diante do agravamento das hostilidades diplomáticas entre Estados Unidos e Irã e da continuidade do bloqueio persistente do Estreito de Ormuz — por onde passa cerca de 20% do consumo global (leia na página 23). O barril do óleo tipo Brent, referência global, chegou a superar os US\$ 119,50 no meio do dia, atingindo o maior patamar desde junho de 2022. A cotação perdeu fôlego no fechamento, mas

encerrou o dia com alta de 6,95%, a US\$ 118,03, a segunda mais alta desde o início da guerra. Desde os primeiros bombardeios a Teerã, em 28 de fevereiro, a valorização acumulada do Brent é de 62,9%.

A disparada da commodity desencadeou uma onda de aversão ao risco que castigou mercados emergentes. No Brasil, o impacto foi sentido de forma aguda no câmbio e na curva de juros. O dólar comercial encerrou em alta de 0,4%, cotado a R\$ 5, com investidores buscando a segurança da moeda americana diante do temor

de uma estagflação global — baixo crescimento com inflação persistente. O Ibovespa caiu 2,05%, aos 184.750 pontos

— O petróleo subiu de forma vertical nesta última semana, saindo de US\$ 104 para US\$ 119 em poucos dias. Houve uma deterioração relevante que reorganiza os fluxos globais: bolsas cedem e os juros sobem no mundo inteiro — destaca Leonel Oliveira, analista de inteligência de mercados da StoneX.

Matheus Pizzani, economista do PicPay, afirma que o choque energético já

O Brent desde o início da guerra

(Barril em US\$)



transbordou para os preços domésticos.

— O impacto nos combustíveis contamina o IPCA e pressiona o custo de fretes, o que inevitavelmente chega à gôndola do supermercado. Embora os fertilizantes ainda não estejam no epicentro, eles são uma “bomba-relógio” para o ciclo de plantio do segundo semestre —

avertia Matheus Pizzani.

O cenário de “petróleo alto por mais tempo” altera drasticamente as apostas para a política monetária. Os juros futuros encerraram em forte alta, com títulos com vencimento com prazos longos negociados acima de 13,8% ao ano.

Jornal GLOBO 30-abr

VENDAS DE PETRÓLEO DO BRASIL



Vendas de petróleo do Brasil para a China dobram no 1º tri

Exportações para o país asiático batem recorde no período, com US\$ 23,9 bi

Jornal GLOBO 16-abr

VINICIUS NEDER
vinius.neder@globo.com.br

Os embarques de petróleo do Brasil para a China dobraram no primeiro trimestre, na comparação com os três primeiros meses de 2025, impulsionando as exportações brasileiras para o gigante asiático no período. Após o início da guerra dos EUA e de Israel contra o Irã, março registrou o maior volume mensal de exportações de petróleo para a China desde o início da série histórica de dados da balança comercial, em 1997.

No total, as exportações para a China somaram US\$ 23,9 bilhões no primeiro trimestre, maior valor já registrado no período, com um salto de 21,7% ante 2025, segundo levantamento do co-

mércio bilateral feito pelo Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). No lado das importações, o Brasil comprou US\$ 17,9 bilhões da China no primeiro trimestre, com destaque para US\$ 1,23 bilhão em carros híbridos e puramente elétricos.

Só em petróleo, foram US\$ 7,19 bilhões em exportações, 94% acima do primeiro trimestre de 2025, disparada que já vinha desde janeiro e fevereiro, antes da nova guerra no Oriente Médio. A China ficou com 57% do volume total do petróleo bruto exportado pelo Brasil no primeiro trimestre — 65% do total, apenas em março.

Segundo Túlio Cariello, diretor de Conteúdo e Pesquisa do CEBC, as tensões geopolíticas reforçam a ten-

dência de crescimento nas vendas de petróleo brasileiro para a China. Com relações diplomáticas e comerciais estáveis, o Brasil desponta como fornecedor confiável, tanto que atrai investimento chinês no setor.

—Vejo o Brasil como uma aposta muito clara dos chineses no setor de petróleo. Temos uma relação muito estável com eles, do ponto de vista político, geopolítico, geoeconômico. O Brasil é um parceiro confiável e que tem oferta —disse o diretor do CEBC.

O comércio bilateral

EXPORTAÇÕES BRASIL-CHINA

Principais produtos	Valor (em milhões de US\$ FOB)	Variação sobre 1º tri/2025 (em %)	Quantidade (em mil toneladas)	Variação sobre 1º tri/2025 (em %)
Petróleo bruto	7.192,1	94%	16.505,9	122%
Soja	6.625,1	0%	16.157,3	-5%
Minério de ferro	3.962,3	0%	57.185,8	-2%
TOTAL	23.890,5	21,7%		

IMPORTAÇÕES CHINA-BRASIL

Principais produtos	Valor (em milhões de US\$ FOB)	Variação sobre 1º tri/2025 (em %)	Quantidade (em mil toneladas)	Variação sobre 1º tri/2025 (em %)
Carros híbridos plug-in	653,7	636%	68,3	661%
Carros elétricos	572,7	644%	65	829%
Mídias digitais com software	342,2	-5%	14,3	-4%
TOTAL	17.907,4	-6%		

Fonte: CEBC, com dados do Mdic.

BANCO CENTRAL FISCALIZAÇÃO AO MERCADO



RISCOS NO SISTEMA

CONTROLE ENFRAQUECIDO

Ações de supervisão do BC em instituições financeiras caem 40% em cinco anos

THAÍS BARCELLOS
Thaís Barcellos (@thaibarcellos) on X
Medicine

Ações do Banco Central (BC) de supervisão de instituições financeiras caíram 40% nos últimos cinco anos, de acordo com dados obtidos pelo GLOBO por meio da Lei de Acesso à Informação. Em 2020, foram 1.198 inspeções contra 722 no ano passado, quando o escândalo que levou à liquidação de instituições financeiras ligadas ao Banco Master levantou dúvidas sobre a regulação do setor. Essas ações englobam todo o trabalho da Diretoria de Fiscalização no acompanhamento de bancos, fintechs e demais regala-dos, como monitoramento contínuo, alertas, trabalhos de campo, solicitação de dados e análises de longo prazo.

A diminuição da atividade de supervisão é atribuída ao descompasso entre a estrutura da autoridade monetária e o crescimento do ecossistema financeiro do país nos últimos anos, com a chegada das fintechs e a maior digitalização das transações bancárias. Apesar dos ganhos com tecnologia e mudanças periódicas para racionalizar o trabalho com efeitos pontuais, a austeridade sofre com o encucamento do quadro de funcionários, particularmente devido às aposentadorias, sem concursos suficientes para reconpor equipes.

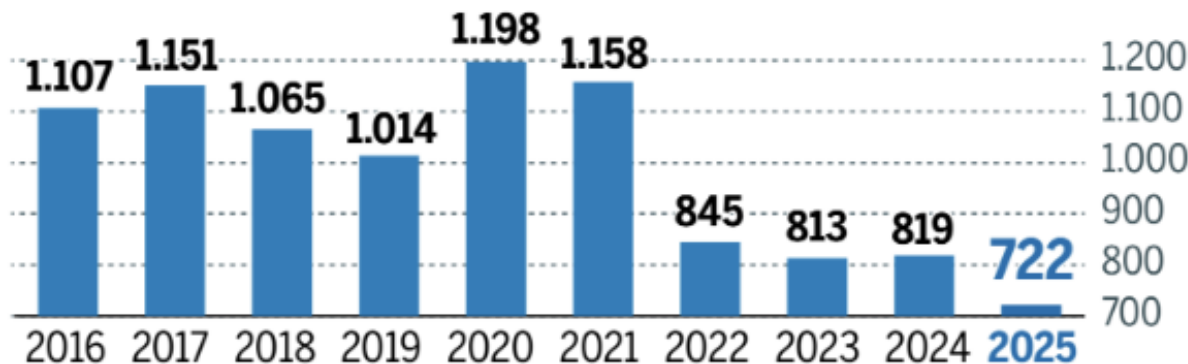
Para fortalecer a fiscalização com recursos escassos, o BC promoveu recentemente mudanças no modelo de supervisão. Passou a privilegiar um acompanhamento mais atento de instituições de médio e grande porte, de maior risco para o sistema. Por outro lado, as pequenas ficaram sujeitas a uma supervisão simplificada. A nova abordagem tenta "fechar os baracos" na peneira de fiscalização do órgão, causados pela falta de pessoal.

VIGILÂNCIA LIMITADA

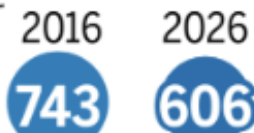
Jornal GLOBO 27-abr

Com mais instituições financeiras para fiscalizar e menos profissionais, Banco Central reduziu atividades preventivas

TOTAL DE
AÇÕES DE
SUPERVISÃO
REALIZADAS
NO ANO



SERVIDORES NA
ÁREA DE FISCALIZAÇÃO DO BC



TOTAL DE
FUNCIONÁRIOS DO BC



FONTE: BC VIA LAI

TURISTAS ESTRANGEIROS NO BRASIL



Viagens Aumento do interesse por destinos brasileiros traz oportunidade a negócios de médio porte

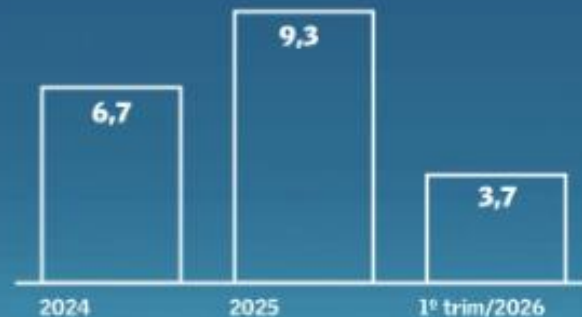
Hotéis crescem com turista estrangeiro

Destino: Brasil

Dados sobre a chegada de turistas do exterior

Jornal VALOR 30-abr

Número de turistas estrangeiros - em milhões



Fontes: Embratur e GlobalData

Principais destinos no 1º trimestre

- 1º Rio de Janeiro
- 2º São Paulo
- 3º Rio Grande do Sul
- 4º Santa Catarina
- 5º Paraná

8,95 milhões

de visitantes internacionais, provenientes de 23 países, são esperados até o fim de 2026

US\$ 3,2 bilhões

foi o faturamento gerado pelos viajantes estrangeiros na economia brasileira no primeiro trimestre de 2026, 11,8% mais do que em igual período do ano passado

Foto: Diadivino

Marina Lang

Para o Valor, De São Paulo

O Brasil recebeu, em março, o maior número de visitantes internacionais da história. Dados da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur) apontam que 1,05 milhão de pessoas vieram do exterior para o país no mês, um aumento de 13% sobre março de 2025. No ano passado todo, o país recebeu 9,3 milhões de visitantes internacionais, também um marco no setor, com crescimento de 37,1%. Essa movimentação tem favorecido a expansão de grupos hoteleiros de médio porte, que estão investindo na capilaridade e no aumento da oferta de acomodações.

DINHEIRO CURTO

DINHEIRO CURTO

Uma pesquisa com 282 empresas listadas na B3 mostra que muitas já não têm condições de arcar com o endividamento

Revista VEJA
10-abr

24%



DAS COMPANHIAS DE CAPITAL ABERTO
NÃO CONSEGUEM MAIS GERAR CAIXA
PARA PAGAR OS JUROS DAS DÍVIDAS

PARA **23%**

DAS EMPRESAS, AS DÍVIDAS SÃO DE
TRÊS A SEIS VEZES MAIORES QUE
A GERAÇÃO DE CAIXA

PARA OUTROS **24%**

A DÍVIDA JÁ SUPERA EM **SEIS VEZES**
A GERAÇÃO DE CAIXA

Fonte: RK Partners

PREVISÃO DO FMI CRESCIMENTO GLOBAL



Geeconomia Fundo revisa para baixo projeção feita em janeiro e estima que economia mundial deve crescer 3,1% em 2026, pressionada pelos preços da energia

FMI prevê crescimento global mais lento em razão da guerra no Irã

Previsões para países e regiões (em %)

	2026*	2027*
PIB Global	3,1	3,2
Economias avançadas	1,8	1,7
EUA	2,3	2,1
Zona do euro	1,1	1,2
Alemanha	0,8	1,2
França	0,9	0,9
Itália	0,5	0,5
Reino Unido	0,8	1,3
Japão	0,7	0,6
Mercados emergentes	3,9	4,2
América Latina e Caribe	2,3	2,7
Rússia	1,1	1,1
China	4,4	4
Índia	6,5	6,5
Brasil	1,9	2
México	1,6	2,2
Argentina	3,5	4

Fonte: FMI *Projeções

Jornal VALOR 15-abr

Luiza Palermo

De São Paulo

A guerra no Oriente Médio deve pesar negativamente na economia global, sobretudo em razão da prolongada interrupção do tráfego marítimo no Estreito de Ormuz que pressiona os preços de energia, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). O relatório Panorama Econômico Mundial (WEO, na sigla em inglês), divulgado ontem pela entidade, apontou para a redução de sua previsão de crescimento para este ano em razão do conflito.

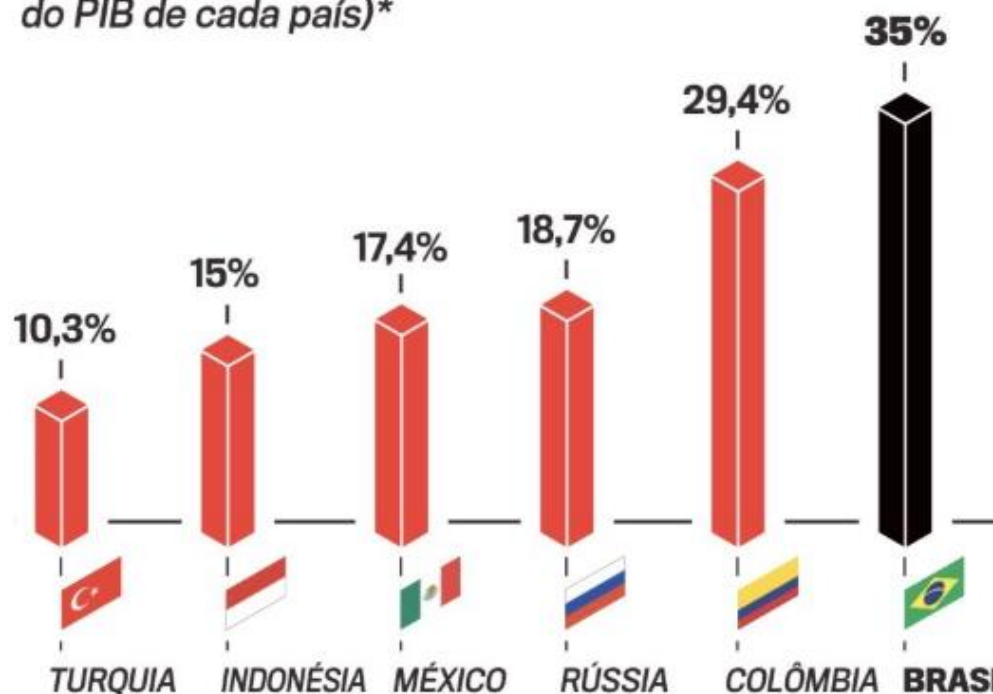
No cenário-base, o FMI prevê crescimento de 3,1% neste ano — revisão para baixo de 0,2 ponto percentual em relação à projeção de janeiro, de 3,3% —, assumindo a normalização dos preços do petróleo no segundo semestre de 2026. No entanto, caso o conflito se prolongue além deste ano, o crescimento da economia mundial pode recuar para cerca de 2% em 2026, segundo o cenário mais severo calculado pelo Fundo.

BRASIL - % DO ENDIVIDAMENTO EM RELAÇÃO AO PIB



MAL NA FITA

Mesmo em comparação com outros países emergentes, o Brasil tem um elevadíssimo nível de endividamento (quanto o total de dívidas das famílias representa do PIB de cada país)*



* Dados divulgados entre junho de 2025 e março de 2026

Fontes: Banco Central do Brasil; CEIC Data

Revista VEJA 17-abr

ESTREITO DE ORMUZ

BATALHA NAVAL **Revista VEJA 17-abr**

O bloqueio americano engloba o Golfo de Omã e o Mar Árabe, fechando a nevrálgica passagem de Ormuz para navios do Irã, enquanto embarcações de todas as nacionalidades que transitam pelos portos do país terão a rota interrompida

- Portos iranianos
- Área cercada pela Marinha dos Estados Unidos



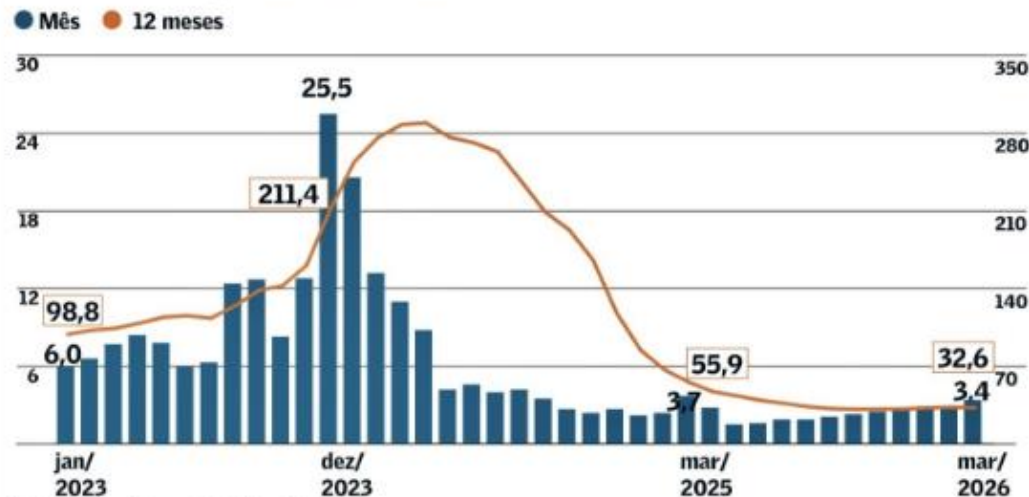
INFLAÇÃO NA ARGENTINA



Jornal VALOR 15-abr

Pressão inflacionária preocupa Milei

Índice de Preços ao Consumidor (em %)



Fonte: Indec. Elaboração: Valor Data

Inflação na Argentina atinge 3,4% em março, maior alta em um ano

Guilherme Carvalho e Luiza Palermo
De São Paulo

A inflação mensal da Argentina acelerou-se pelo décimo mês seguido em março, atingindo o maior patamar desde o mesmo mês do ano passado, superando as expectativas dos analistas e frustrando as expectativas do do governo do presidente Javier Milei de frear o aumento dos preços.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 3,4% no mês passado em relação a fevereiro, quando foi de 2,9%, segundo os dados divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec). A inflação anual ficou em 32,6% no terceiro mês do ano e acumula 9,4% em 2026.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB